

O idoso asilado e o sentimento de abandono

The asylum elderly and the feeling of abandonment

ÉRIKA FERNANDA PANOSSO. Aluna do Curso de Graduação em Psicologia da UNINGÁ.

FRANCIELLE APARECIDA STRIOTO DA SILVEIRA. Aluna do Curso de Graduação em Psicologia da UNINGÁ.

LILIAN FABIANE COELHO MAGALHÃES. Aluna do Curso de Graduação em Psicologia da UNINGÁ.

PATRÍCIA MARIA DE LIMA FREITAS. Mestre em Psicologia pela UFSC/SC. Professora do curso de Psicologia da Uningá.

patriciamlfreitas@hotmail.com

FRANCIELLE APARECIDA STRIOTO DA SILVEIRA. End: Rua Álvares Cabral, 578.

Centro. Cep:87200-000. Cianorte, Pr. Brasil. franciellestrioto@hotmail.com.

RESUMO

O tema “idoso” foi escolhido, pois é a fase do desenvolvimento humano que está em evidência. Os estudos realizados até então, preocuparam-se apenas em explicar o envelhecimento da forma fisiológica, mas poucos são os estudos sobre o que esta fase representa psicologicamente às pessoas que estão passando por ela. A pesquisa foi realizada no Asilo São Vicente de Paulo situado em Maringá/PR, com o objetivo de investigar o sentimento de abandono nos idosos asilados. Foram observados e entrevistados neste asilo, idosos que tem idade aproximada de 55 até 90 anos de idade de ambos os sexos. Utilizou-se como instrumento da pesquisa um questionário com 15 questões abertas. Os idosos responderam que não se sentem sozinhos no asilo, pois estão sempre rodeados de pessoas, ou seja, no sentido concreto da pergunta os idosos não se sentem sozinho porque nunca ficam sozinho estão sempre acompanhados por dezenas de outros idosos, mas no que diz respeito ao sentimento de solidão em si no sentido abstrato da palavra os mesmo são de longe muito solitários, já que grande maioria não só dos idosos entrevistados mas do geral, a anos não recebem uma visita de um familiar e em alguns casos nunca chegaram a receber.

Palavras-chave: Idoso; Asilos; Abandono.

ABSTRACT

INTRODUÇÃO

O tema “idoso” foi escolhido para a realização deste trabalho, pois conforme os dados acima é a fase do desenvolvimento humano que está em evidência, e por se tratar de um fator recente, os estudos realizados até então, preocuparam-se apenas em explicar o envelhecimento da forma fisiológica, mas poucos são os estudos sobre o que esta fase representa psíquica e psicologicamente às pessoas que estão passando por ela.

Partindo-se da hipótese que os idosos que dependem dos cuidados de entidades, como os asilos por exemplo, sentem-se abandonados devido ao contexto do ambiente, e a todas mudanças que esse lhe trará. Essa pesquisa mostra-se importante, pois com os possíveis resultados, propostas de estudo poderão ser criadas, para investigar o sentimento de solidão ou qualquer outro tipo de sentimento desagradável que acometa os idosos, e melhorando assim a qualidade de vida dos idosos, ou seja, da maior parte da população atual.

A realidade dos asilos no Brasil, ainda hoje, é um tema a ser discutido. Segundo Lafin (2004) o primeiro tipo de instituição conhecido foi o asilo, que se preocupava com a alimentação e a habilitação no atendimento de idosos.

Há cerca de quinze anos atrás as instituições que cuidavam dos idosos, como os asilos, na grande maioria das vezes dependiam de recursos doados pela sociedade ou pela comunidade, ou seja, dependiam da solidariedade dos outros para manter-se. Os idosos asilados eram pessoas que não possuíam família ou que eram abandonados pela mesma.

Foi a partir da década de 80 que essa realidade começou a mudar. De acordo com Lafin (2004) a partir dessa década passaram a existir grupos de convivência para idosos no país, e nesses grupos o idoso passa a ser visto de outra maneira perante a sociedade.

No ano de 2003 o então Presidente da República do Brasil, Luiz Inácio “Lula” da Silva, sancionou como lei o Estatuto do Idoso, demonstrando mais uma vez o quanto o número de idosos vem crescendo no país de forma significativa a ponto de se fazer necessária tantas disposições das leis dirigidas aos idosos.

Segundo Cavalcanti (2001) nos últimos anos está crescendo muito o número de idosos no nosso país, isto se deve pelo motivo das baixas natalidades. De acordo com pesquisas 6% da população brasileira tem 65 anos ou mais, e este número irá aumentar nos meados do século para 15%.

Quando o adulto entra na fase da velhice o leva a um período de grandes transformações dentre estes os aspectos biopsicossociais, onde este indivíduo poderá a vir precisar de um tratamento psicológico e bem como de outros profissionais da área da saúde.

Falar sobre os aspectos biopsicossociais é bastante sintético, pois oferece bastantes subsídios para compreender as ambivalências que rondam a terceira idade. O termo velhice segundo Ferreira (2001) significa estado ou condição de velho. Mas para a autora Cavalcanti (2001), significa um processo que se inicia com o nascimento, a partir do nascimento a cada minuto da vida nos tornamos velhos, pois já acarreta em um envelhecimento dos órgãos e isto depende de pessoa para pessoa.

Para Barros, Diogo e Rodrigues (2004), o envelhecimento é um processo universal, é um termo em geral que, segundo a forma em que aparece, pode-se referir a um fenômeno fisiológico, de comportamento social, ou ainda cronológico, isto é, de idade. É um processo em que ocorrem mudanças em células, tecidos e órgãos.

Os aspectos visíveis da mudança do envelhecimento como a aparência, acarreta no aparecimento de rugas e dos cabelos brancos. As estruturas ligadas à locomoção também estão alteradas. Os ossos ficam mais frágeis e há mais riscos de fraturas; ocorre perda da massa e da força muscular, gerando dificuldade de manter o equilíbrio, e dificuldades no andar (BARROS, DIOGO E RODRIGUES, 2004).

Os aspectos não visíveis, mais que fazem muita diferença no processo do envelhecimento, são alterações como no sistema respiratório onde a respiração torna-se menos profunda, na diminuição do reflexo da tosse e da sua eficácia, facilitando o aparecimento de infecções pulmonares, nos órgãos dos sentidos onde audição e visão tornam-se reduzidas, alguns idosos podem ainda apresentar diminuição do tato, isto é, não distinguem com facilidade o calor, o frio e a dor.

Segundo Zimerman (2000. a) o envelhecimento traz modificação no status do velho e no relacionamento dele com outras pessoas. Essa mudança de status e relacionamento ocorre

devido à crise de identidade, a mudança de papéis, a aposentadoria, as perdas diversas e a diminuição dos contatos sociais.

Mas além dessas transformações físicas e sociais há também as mudanças psicológicas e essas podem resultar da dificuldade de adaptação desses novos papéis, desânimo, baixa auto-estima, dificuldade de planejar o futuro, de se adaptar as mudanças rápidas, depressão, somatização, paranóias, etc. Para isso é necessário que o velho trabalhe, elabore as perdas orgânicas, afetivas e sociais que o processo de envelhecer provoca no desenvolvimento humano.

Segundo Casara et al (2005), o Núcleo de Estudos do Envelhecimento, da Universidade de Caxias do Sul, tem contribuído para entender o processo de envelhecimento e entender a realidade dos idosos dentro de instituições. Um dos estudos realizado pelo grupo, é entender o sentimento desenvolvido pelos idosos sobre o tema abandono, e no que realmente se configura o termo.

Segundo Casara et al (2005):

As situações que levam ao abandono são provocadas pela condição de fragilidade do idoso, que pode passar a depender de outras pessoas, pela perda da autonomia e da independência, pelo esfriamento dos vínculos afetivos e pela conduta do grupo de relações ou ausência dele. Ainda há situações que dependem do próprio idoso, no que se refere ao modo como se dá o enfrentamento dessas situações. Isso significa dizer que uma mesma situação pode ser motivo gerador do sentimento de abandono para uma pessoa e não o ser para outra. Depende das circunstâncias objetivas e subjetivas de cada indivíduo. (CASARA et al, 2005).

A citação acima demonstra as formas, que levam e contribuem para que o idoso se sinta abandonado, e que variando de pessoa para pessoa pode encarar estas mudanças de um jeito não tão doloroso, ou de extremo sentimento de abandono. Entende-se assim que abandono na velhice é um sentimento de tristeza e de solidão, provocado por circunstâncias relativas a perdas, as quais se refletem basicamente em deficiências funcionais do organismo e na fragilidade das relações afetivas e sociais, que por sua vez conduzem a um distanciamento, podendo culminar no isolamento social. Esta situação reflete a um afastamento natural, devido às circunstâncias, no relacionamento com o mundo. O idoso espera então que o grupo no qual está inserido, seja um facilitador na sua relação, para que assim possa se sentir seguro e voltar a não temer a solidão, ou ainda em outras palavras, não ficar tão angustiado com o medo da proximidade da morte.

O ser humano teme as perdas, uma vez que as mesmas habitualmente trazem sofrimento. A experiência de perdas pode levar a esclarecer uma situação de abandono. Aceitar o limite imposto pela morte como experiência cotidiana implica aceitar as regras da existência, visto que a morte impõe uma ruptura com tudo o que se conhece e se ama e faz parte da condição humana (CASARA et al, 2005).

Segundo Casara et al (2005):

Se a família não estiver fortalecida pela convivência e por laços afetivos, a presença da doença e das dificuldades dela advindas pode provocar tristeza, amargura, angústia, desânimo, melancolia e a constatação de que o abandono é algo cruel, injusto, ruim. Maltratar o idoso, deixá-lo sem apoio, passando por necessidades e sem alguém que cuide dele, é abandoná-lo. (Casara et al, 2005).

A dependência do idoso, para realização de certas tarefas, que já lhe são incapacitadas, leva seus familiares por vezes por falta de tempo, disposição, a colocar o idoso em instituições

de longa permanência o afastando assim do seio da família, o que lhe causa grave sentimento de abandono.

PRESSUPOSTOS METODOLÓGICOS

O local para a realização da pesquisa foi um asilo maringaense, esse local foi o Asilo São Vicente de Paulo que foi escolhido por manter convênio com a faculdade Uningá, a qual estudamos e pela qual estamos realizando esse projeto de pesquisa.

Foram observados e entrevistados idosos que tem idade aproximada de 55 (cinquenta e cinco) até 90 (noventa) anos de idade. Os idosos são de ambos os sexos, sendo em sua maioria do sexo feminino.

Todos os idosos do asilo são pertencentes à classe baixa. Sendo que muitos, a família não tem condições de cuidar e prestar os devidos cuidados especiais como, ajuda na alimentação, os horário dos remédios, ajuda para locomoção que esses idosos precisam, além de uma atenção especial o dia todo para que estes não se machuquem. Alguns foram colocados lá e nunca mais tiveram contato com seus familiares, ou porque não os tem ou porque foram “abandonados” pelos mesmos.

As pesquisadoras, separaram-se e começaram a abordar os idosos informando sobre a pesquisa e os objetivos dela. Depois perguntou-se se eles queriam participar respondendo a algumas perguntas e assinando o Termo de Livre Consentimento informado. Porém, deve-se ressaltar aqui que muitos não eram alfabetizados, portanto, não sabiam ler e escrever e então somente faziam alguma rubrica para simbolizar a assinatura de que estavam cientes da pesquisa.

Dentre os que tinham condições de responder foi difícil encontrar quem o queria fazer. Mas conseguiu-se entrevistar o número de idosos previstos para que a pesquisa fosse validada em termos de número de participantes.

Foi utilizado como instrumento da pesquisa um questionário com 15 (quinze) questões abertas. O mesmo foi elaborado pelas pesquisadoras e aplicado aos participantes que se dispusera a responder as questões propostas.

RESULTADOS

De acordo com os dados obtidos com a entrevista realizada através do questionário, constatou-se que: a idade entre os idosos varia de 70 à 80 anos de idade.

Existem idosos que estão no local de asilo a mais de dez anos.

Quando perguntados o motivo de estarem no asilo, ou como chegaram ali, relataram que, os familiares os trouxeram, ou ainda foram encaminhados pela assistência social, pois eram sozinhos, por problemas psiquiátricos e até por questões policiais.

Aos idosos foi perguntado se sentiam sozinhos, muitos responderam que não, pois havia sempre pessoas por perto, como os companheiros idosos e até os funcionários do asilo.

Quanto à frequência de visita que os idosos recebem constatou-se que a maioria não recebe visita há anos, mas que estão sempre a espera desta.

Com relação a como se sentiam no asilo, aproximadamente 75% dos entrevistados responderam que se sentem bem porque ali têm os amigos asilados e também os funcionários que cuidam deles. Uma minoria respondeu que não se sente bem, pois ali não têm amigos.

DISCUSSÃO

Na pesquisa realizada, apesar do grande número de idosos asilados (76 aproximadamente), e suas idades variarem de 55 a 90 anos, apenas 19 foram entrevistados e suas idades variavam de 70 a 85 anos. Esse fato de serem poucos entrevistados comparados

com o total de idosos é que nem todos idosos tinham condições mentais, sociais e/ou psicológicas de responderem os questionários.

A Organização Mundial de Saúde (OMS) segue com um critério cronológico, a idade da velhice começa a partir dos 65 anos de idade, pois com esta idade as pessoas se aposentam, e muitas instituições aparam os idosos, e com os 65 anos as pessoas começam a perceber muitas modificações em suas vidas, tanto no que diz respeito aos aspectos orgânicos, estéticos e sociais.

Há também nesta fase do desenvolvimento humano as perdas sensoriais como a utilização de óculos, aparelhos de surdez, livre de qualquer dependência ou sujeição do indivíduo o que prevalece é a qualidade de vida deste cidadão. Pois o modo de vida como o sujeito leva interfere na sua saúde, e de como este vivencia os acontecimentos de suas vidas.

Muitos idosos estão na situação de asilamento a mais de uma década o que acaba prejudicando um desempenho favorável em suas condições de vida. Os idosos do asilo em questão são bem tratados por seus cuidadores mais a situação em si de abandono naquele lugar, desmotiva a pessoa a querer continuar lutando, pois a espera por visitas ou por sair deste lugar é uma expectativa frustrada que nunca se realiza.

Os motivos que levaram os idosos àquele lugar variam muito, alguns nem sabem porque ao certo estão ali. Outros contam que familiares os trouxeram, a assistência social, o fato de serem moradores de ruas entre outras situações, como até mesmo serem levados por promotores de justiça (estavam presos e depois quando eram velhos o bastante, foram levados aos asilos).

Quando esta escolha parte do próprio indivíduo este busca relacionamentos com pessoas da mesma faixa etária que ele. E quando reflete esta decisão da própria família é por que estas não têm tempo de cuidar deste idoso por motivos de trabalho ou estudo, e no caso do idoso ser doente não ter quem cuide dele.

A dependência do idoso, para realização de certas tarefas, que já lhe são incapacitadas, leva seus familiares por vezes por falta de tempo, disposição, a colocar o idoso em instituições de longa permanência o afastando assim do seio da família, o que lhe causa grave sentimento de abandono (CASARA et al, 2005)

Os idosos responderam que não se sentem sozinhos no asilo, pois estão sempre rodeados de pessoas, ou seja, no sentido concreto da pergunta os idosos não se sentem sozinho porque nunca ficam sozinho estão sempre acompanhados por dezenas de outros idosos, mas no que diz respeito ao sentimento de solidão em si no sentido abstrato da palavra os mesmo são de longe muito solitários, já que grande maioria não só dos idosos entrevistados mas do geral, a anos não recebem uma visita de um familiar e em alguns casos nunca chegaram a receber.

Segundo Casara et al (2005), abandono na velhice é um sentimento de tristeza e de solidão, provocado por circunstâncias relativas a perdas, as quais se refletem basicamente em deficiências funcionais do organismo e na fragilidade das relações afetivas e sociais, que por sua vez conduzem a um distanciamento, podendo culminar no isolamento social. Esta situação reflete a um afastamento natural, devido às circunstâncias, no relacionamento com o mundo. O idoso espera então que o grupo no qual está inserido, seja um facilitador na sua relação, para que assim possa se sentir seguro e voltar a não temer a solidão, ou ainda em outras palavras, não ficar tão angustiado com o medo da proximidade da morte.

Quando perguntados sobre como se sentiam no asilo os idosos afirmaram que se sentem bem, pois possuem amigos lá dentro o que de acordo com Zimerman (2000. a) o envelhecimento traz modificação no status do velho e no relacionamento dele com outras pessoas. Essa mudança de status e relacionamento ocorre devido à crise de identidade, a mudança de papéis, a aposentadoria, as perdas diversas e a diminuição dos contatos sociais.

Mas além dessas transformações físicas e sociais há também as mudanças psicológicas e essas podem resultar da dificuldade de adaptação desses novos papéis, desânimo, baixa auto-estima, dificuldade de planejar o futuro, de se adaptar as mudanças rápidas, depressão, somatização, paranóias, etc. Para isso é necessário que o velho trabalhe, elabore as perdas orgânicas, afetivas e sociais que o processo de envelhecer provoca no desenvolvimento humano.

Segundo Zimerman (2000. b) desde o dia em que nascemos fazemos parte de um grupo, estamos em contato com outras pessoas. Trafegamos por vários grupos e ocupamos, durante a vida, diversos papéis.

Essa participação em grupos faz-nos sentir importantes, porque pertencemos a algo, a alguém e desenvolvemos um papel para esse algo e alguém. Há troca de afeto, carinho, experiências e idéias dentro de cada grupo. E nenhum grupo é melhor que o outro, porque cada um traz coisas diferentes e necessitamos de todos os grupos para nos completar.

As atividades proposta pelo asilo são várias como bordados, artesanatos, fisioterapia, bingos que realizam para arrecadar fundos, porém a maior parte dos idosos entrevistados (10) responderam que não realizam nenhuma atividade, dos que disseram que praticam, faziam coisas como fisioterapia, se arrumavam para os bailes, assistem televisão, fumam cachimbo e disseram até mesmo que sua atividade é descascar alho.

Segundo Zimerman (2000. a) é aconselhável aos idosos a prática de exercícios físicos como caminhadas, natação, dança e passeio, exercícios de memória, alimentação balanceada e saudável, bons hábitos, participar de grupos e cuidados necessários para cada problema.

Perguntados sobre o estado de saúde muitos idosos (10) sem expressar muito animo em responder disseram que estavam com a saúde boa, já outros apontaram que têm dor na coluna, sofreu acidente, bateu com a cabeça, quebrou a perna, braço, problemas de visão, um até mesmo disse que sofre de cirrose, e, muitas dores no corpo.

Os aspectos visíveis da mudança do envelhecimento como a aparência, acarreta no aparecimento de rugas e dos cabelos brancos. As estruturas ligadas à locomoção também estão alteradas. Os ossos ficam mais frágeis e há mais riscos de fraturas; ocorre perda da massa e da força muscular, gerando dificuldade de manter o equilíbrio, e dificuldades no andar (BARROS, DIOGO E RODRIGUES, 2004).

Os aspectos não visíveis, mais que fazem muita diferença no processo do envelhecimento, são alterações como no sistema respiratório onde a respiração torna-se menos profunda, na diminuição do reflexo da tosse e da sua eficácia, facilitando o aparecimento de infecções pulmonares, nos órgãos dos sentidos onde audição e visão tornam-se reduzidas, alguns idosos podem ainda apresentar diminuição do tato, isto é, não distinguem com facilidade o calor, o frio e a dor.

Os aspectos do sistema nervoso incluem alterações no comportamento, sono, falta de memória recente, etc.

Quase todos idosos responderam que fazem uso de medicamentos, para as dores na coluna, remédios psiquiátricos, para pressão, fortalecedores, remédios para o diabetes, calmantes e alguns não souberam responder para que usam medicamentos apenas que o tomam.

A responsável pelo local disse que não havia nenhum tipo de acompanhamento psicológico, portanto a questão sobre o assunto não foi realizada.

Quando o adulto entra na fase da velhice o leva a um período de grandes transformações dentre estes os aspectos biopsicossociais, onde este indivíduo poderá a vir precisar de um tratamento psicológico e bem como de outros profissionais da área da saúde.

Há muito tempo acreditava-se que a psicoterapia não era possível em idosos, já que Freud postulava que a personalidade envelhecida estaria cheia de material inconsciente a um ponto que o tratamento não poderia ser terapêuticamente proveitoso. Mais estudiosos mesmo

da linha psicanalítica acreditam na psicoterapia geriátrica, pois qualquer acontecimento ou mudança no ambiente pode ser percebido positivo ou negativamente por um sujeito.

Com os dados obtidos com a entrevista, ficou claro que o sentimento que paira no ar no ambiente do asilo é o de solidão, apesar das respostas dos idosos de que não se sentem sozinhos pois estão sempre com alguém por perto, suas atitudes e dados colhidos com os profissionais que cuidam do asilo e também da observação feita demonstra sim o sentimento de solidão nos idosos. Isso ficou claro também na expectativa dia após dia, ano após ano na espera de alguém, algum conhecido vá visitá-los. Outros ainda que já perderam a esperança e se conformaram com o fato de estarem ali sem que ninguém de fora se importe com eles.

Apesar da melhoria com o passar dos anos nesses centros de convivência para idosos por parte do trabalho dos profissionais, das alternativas criadas para melhorar a qualidade de vida nos asilos, atividades oferecidas, qualidade de vida boa, uma coisa é certa, o sentimento que cada indivíduo asilado tem quando ao fato de estar ali “sozinho”, esquecido por seus amigos e familiares nunca vai mudar. Há nesse contexto exceções, um ou outro familiar que visita seu ente, ou até famílias que buscam o idoso para passar alguns dias em casa, mas por se tratar de exceções são poucos esses casos.

CONCLUSÃO

Como pôde-se notar, através da análise dos resultados, é que os idosos que estão asilados no Asilo São Vicente de Paulo, não se sentem sozinhos. Porém, devemos ressaltar aqui a nossa impressão quanto a essas respostas estatísticas.

Quando perguntado aos idosos se eles se sentiam sozinhos no asilo, a grande maioria respondeu que “não se sentia sozinho porque ali eles estavam com bastante gente”. Esse tipo de resposta nos leva a pensar que eles não entenderam qual o significado da pergunta “você se sente sozinho”. A questão era se eles se sentiam sozinhos mesmo estando em um local com outras pessoas; se eles se sentiam sozinhos sem a família; se eles se sentiam sozinhos pelo fato de estarem nesse local de asilo; enfim, se eles se sentiam sozinhos pelo fato de não terem ninguém de seus laços sanguíneos cuidando deles neste momento da sua vida. Se o abandono da família não causou neles algum sentimento de solidão.

Outro aspecto importante também vale ser colocado. Eles responderem que não se sentem sozinhos porque estão com outras pessoas, pode ser oriunda do fator que uma grande parte dos idosos ali asilados não possuem família. Ou seja, muitos ali já eram sozinhos antes de ir para o asilo. Ou por falta de contato com a família, ou porque todos os familiares próximos, como filhos e irmãos, já estivessem mortos. Logo, ali eles não se sentiam sozinhos, realmente. Porque sozinhos eles eram antes.

As causas do abandono, de modo geral, eram pelos seguintes motivos: a) a família não tinha condições financeiras, psicológicas, sociais e emocionais de cuidar desse idoso (a família asila o idoso); b) por esses idosos serem sozinhos e não ter condições de cuidar de si, devido a problemas de saúde e financeiro (viviam sozinhos em casa e a assistência encaminhou para o asilo) e c) por já terem sido abandonados e estarem vivendo em condições precárias (idosos encontrados nas ruas e encaminhados pela assistência).

De acordo com os relatos obtidos durante a aplicação da entrevista, podemos observar que os idosos ali asilados vivem num mundo totalmente fora da realidade, ou seja, o asilo causa neles um certo tipo de alienação de si, da sua condição e do mundo lá fora. Afinal, eles ficam “isolados” dentro do asilo, e o único contato é com os funcionários que lá prestam seus serviços. Alguns já estão ali há anos e nunca receberam sequer uma visita de seus parentes, e quando perguntado se eles recebem visita esses dizem que sim (o que não é real) e alguns ainda dizem que logo eles virão visitá-los.

Podemos assim perceber que ali dentro do asilo eles perdem a noção do tempo, e além disso, perdem a noção do que é real. Ou seja, perdem a consciência de que eles foram abandonados e que ninguém irá visitá-los. Vivem num mundo de fantasia, de ilusão, e porque não, de esperança.

Outros, porém, já aderiram o fato de que o asilo é a sua casa e é ali que ficarão até morrer.

São dois sentimentos e modos de encarar o fato extremo. Uns acham que é passageiro e outros acham que é pra sempre. Uns podem estar fazendo o papel de aceitação da condição e outros a negação da condição em que vivem. E isso, com certeza, não é saudável em nenhum dos casos. Pois acreditamos que o asilo não é o local que alguém queira estar um dia. Pode ser o único local para onde um idoso sem família, sem condições de cuidar de si TEM para ir. Mas, com certeza, não é o melhor, apesar de ser o único. Acreditamos que ninguém queira viver na condição de asilado, de abandonado, mesmo depois de já ter feito tanto por outros.

Aceitar fervorosamente essa condição ou negá-la não é saudável física, mas, principalmente, emocional e psicologicamente.

Ao escutar os relatos durante as entrevistas, notamos uma necessidade de ter a presença de psicólogos para realizar trabalhos de escuta para esses idosos. As entrevistas foram realizadas com poucos idosos, pelo fato de muitos não terem condições psíquicas e/ou emocionais de responderem como já fora citado. Mas o tempo de cada entrevista foi relativamente demorado porque pelo tanto de perguntas que foram feitas com apenas alguns minutos os idosos poderiam respondê-las. E isso não aconteceu. Pois, a cada pergunta os idosos começavam a contar fatos da sua vida, dar suas opiniões sobre diversos assuntos que nem eram perguntados. Ou seja, notou-se certa necessidade que eles têm de falar, de se comunicar. Um tempo para eles estarem expressando suas opiniões e falando de si.

Portanto, um profissional da psicologia para realizar essa tarefa, seria de grande valia para a saúde mental desses idosos asilados.

REFERÊNCIAS

BARROS, T. R.; DIOGO, M. J. D'E.; RODRIGUES, R. A. P. O Envelhecimento do ser humano. In: DIOGO, M. J. D'E; RODRIGUES, R. A. P. **Como cuidar dos idosos**. 4 ed., Campinas: Papyrus, 2004, p.11-16.

CASARA, M. B. et al. Abandono na Velhice. **Unati**. v.8 n.3. Rio de Janeiro, 2005. Disponível em <<http://www.scielo.br>> Acesso em: 7 mai. 2007.

CAVALCANTI, Monique Bertrand: Idosos. In: RANGÉ, Bernard (org). **Psicoterapia comportamental e cognitiva: Prática, aplicações e problemas**. Livro Pleno, 2001.

Estatuto do Idoso: Lei n. 10.741, de 2003, que dispõe sobre o Estatuto do Idoso.-Brasília: Senado Federal, Secretaria Especial de Editoração e Publicações: Câmara dos Deputados, Coordenação de Publicações, 2003. 42p. (Série fontes de referencia. Legislação; n. 53)

FERREIRA, A. B. H. **Dicionário Mini Aurélio**. 4. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.

LAFIN, S. H. F. Asilos: Algumas reflexões. IN: CASARA, M. B.; CORTELLETTI, I. A.; HERÉDIA, V. B. M. org **Idoso asilado**: um estudo gerontológico. RS :Educs, 2004, p.111-113

ZIMERMAN, G.I. Quem é o velho? In:----- **Velhice**: aspectos biopsicossociais. Porto Alegre : Artes Médicas Sul, 2000. a, p. 19-20.

ZIMERMAN, G.I. A importância da convivência. In:----- **Velhice**: aspectos biopsicossociais. Porto Alegre : Artes Médicas Sul, 2000. b, p. 34-35.

Enviado em: maio de 2009.

Revisado e Aceito: julho de 2009.